[Recensão a] Lee I. Levine (editor), Ancient Synagogues Revealed

Autor(es): Mantas, Vasco Gil

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45627>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_21

Accessed : 26-Apr-2023 12:35:16

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXV

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1986

LEE I. LEVINE (editor), *Ancient Synagogues Revealed*, The Israel Exploration Society, Jerusalém, 1981, 200 p., 2 mapas, 4 est., ilustrado.

O volume que vamos apresentar, e que comentaremos apenas na medida dos nossos conhecimentos e de interrogações ditadas por uma análise global da arquitectura no mundo romano, constitui mais uma excelente prova da qualidade e capacidade da investigação arqueológica em Israel. Com efeito, se voltamos a encontrar aqui e ali traços de uma emoção quase apaixonada, naturalmente resultantes de condições históricas e culturais específicas, a que não é estranha uma vivência contemporânea conturbada (Y. YADIN, *Masada. La dernière citadelle d'Israel*, Paris, 1966, p. 193-203), nunca o rigor científico deixa de constituir permanente preocupação dos numerosos autores representados. O título corresponde perfeitamente ao conteúdo da obra que, integrando artigos publicados na revista *Qadmoniot*, artigos de precedência diversa e alguns expressamente redigidos, representa uma valiosa síntese dos conhecimentos actuais sobre a arqueologia das sinagogas, com especial destaque para as da Palestina, cujo número ascende a mais de uma centena.

Se tivermos em conta que a maior parte destes vestígios e ruínas remonta ao período romano e bizantino e que a sinagoga foi a instituição central comunitária da vida israelita na antiguidade, fácil se torna compreender a importância do tema. Uma vez que a cronologia dos edifícios conhecidos os relaciona com o mundo clássico e bizantino é lícito analisar a sua linguagem arquitectónica no sentido de definir a contribuição recebida da arquitectura romana e tardo-romana e a possível influência das sinagogas no desenvolvimento da arquitectura religiosa paleocristã. Não devemos esquecer, o que nem sempre acontece, que o cristianismo na sua fase primitiva pouco se distinguia de uma seita judaica (H. CHADWICK, *A igreja primitiva*, Lisboa, 1967, p. 9-24). Assim, é bem possível que a sinagoga tenha contribuído para o estabelecimento de um modelo de santuário cristão, apesar das reticências de investigadores ilustres (H. I. MARROU, *Decadence romaine ou antiquité tardive*, Paris, 1977, p. 107), tanto mais que o edifício judaico antecedeu largamente o aparecimento da basílica cristã, para a qual não existia tradição que pudesse orientar os arquitectos constantinianos (M. GOUOH, *Os primitivos cristãos*, Lisboa, 1972, p. 57-58). Quanto ao primeiro ponto basta recordar o impacto do helenismo na cultura hebraica, de que *Philon* e a *Versão dos Setenta* dão a medida exacta, bem como, por exemplo, as grandes construções de Herodes em *Cesareia*, *Masada* ou *Herodium*, indiscutivelmente inspiradas em modelos romanos, e implantadas numa região onde se multiplicavam os testemunhos da arquitectura clássica (M. GRANT, *The Jews in the Roman World*, Nova Iorque, 1973, p. 71-72). A colectânea que nos é oferecida em *Ancient Synagogues Revealed* permite retomar estas e outras questões do maior interesse, facultando para isso dados muito significativos, nalguns casos dificilmente acessíveis aos investigadores não hebraicos.

O texto, enriquecido por muitas dezenas de ilustrações, consta de um prólogo, sete capítulos, lista de abreviaturas, glossário, bibliografia e índice

geral (p. 191-196). O prólogo inclui dois estudos do maior interesse: *Ancient Synagogues: A Historical Introduction* (p. 1-10); *Ancient Synagogues in Israel: An Archeological Surety* (p. 11-18). No primeiro destes estudos L. Levine traça um quadro da evolução histórica da sinagoga como local de estudo e leitura da *Torah*, funcionando como instituição complementar do Templo, e também, depois da destruição do Segundo Templo por Vespasiano, como centro de oração. Embora os vestígios arqueológicos e epigráficos mais antigos não sejam anteriores ao século in a.C., Levine considera que a sinagoga surgiu no século vi a.C., durante o exílio na Babilónia, como um local de encontro e leitura das Escrituras (p. 3). Julgamos, igualmente, que assim possa ter acontecido, tanto mais que foi nessa época que se verificou a substituição do hebraico antigo por uma forma de escrita adaptada da escrita aramaica, introduzida na Palestina no final do século vi a.C. pelos Judeus retornados da Mesopotâmia, facto que nos parece relacionado com o aparecimento da sinagoga. Outro problema de grande importância consiste naquilo a que o autor chama aculturação (p. 6). Referiremos apenas alguns aspectos pertinentes do clima cultural da Palestina romana. Levine chama a atenção para a influência das cidades grego-romanas, aponta a larga percentagem de inscrições em língua grega e considera que a arquitectura das sinagogas, de uma ou de outra forma, foi influenciada por modelos estrangeiros (p. 6). Com efeito, é de uma sociedade moldada por uma versão romana do helenismo a imagem que a arqueologia nos permite recuperar. Como resultado da aculturação o autor aponta como muito significativo o facto da águia constituir um dos temas decorativos mais divulgados nas sinagogas da Galileia no século iv quando, no tempo de Herodes, a colocação de uma águia sobre a entrada do Templo provocou violentos tumultos (p. 7). Neste caso, todavia, se é certo que se verificou uma mudança de atitude, que conduziu, igualmente, a uma multiplicação dos símbolos exclusivamente judaicos, é preciso ter em conta que a águia de Herodes representava directamente o poderio romano e testemunhava a lealdade para com o imperador, não podendo ser considerada como um elemento decorativo. Julgamos mais significativa uma inscrição gravada numa arquitrave encontrada em Dabbura, no Golan, e publicada por U. Urman, na qual, depois do texto aramaico surge a indicação, em grego, do nome latino do construtor: ΠΟΥΤΙΚΟΣ ΕΚΤΙCΕΝ (p. 155). Este exemplo merece profunda análise e aponta para o papel, que julgamos extremamente activo, desempenhado por arquitectos e mestres romanos na Palestina, certamente responsáveis, em larga medida, das transformações verificadas na arquitectura local. Uma pesquisa, a efectuar sem ideias preconcebidas, não deixará de reforçar a nossa opinião: em Masada, nor exemplo, as colunas do palácio construído por Herodes não mostram, como marcas de canteiro, mais do que letras hebraicas e números latinos (YADIN, p. 65-69), o que consideramos muito elucidativo quanto ao verdadeiro significado do termo helenístico na arquitectura hebraica do período romano. Que muitas ideias geralmente aceites terão que ser revistas prova-o o facto de que a proibição de representar figuras humanas ou animais esteve longe de ser observada na arte judaica, como atestam numerosos exemplos de uma vigorosa expressão

artística, especialmente viva na antiguidade tardia e que chegou a influenciar a arte crista (p. 7). Este aspecto inesperado da cultura judaica é particularmente visível na temática dos numerosos mosaicos que enriquecem muitas sinagogas, em especial do período bizantino, e que incluem representações de Hélios, dos signos do Zodíaco e das quatro estações, em relação às quais as várias explicações propostas não são totalmente satisfatórias (p. 9). É possível que estejamos perante mais uma consequência da popularidade alcançada pela astrologia no mundo romano, não sendo de excluir a possibilidade de se tratar de interpretações esotéricas à margem da concepção rabínica do judaísmo, como aliás admite Levine. A história da Palestina nos primeiros séculos da nossa era só poderá traçar-se, atendendo à relativa falta de fontes escritas referentes à sociedade hebraica, a partir de fontes arqueológicas, cada dia mais abundantes e entre as quais as sinagogas ocupam um lugar especial (p. 10), obrigando a rever numerosas questões de fundo, para além das que já descrevemos, como a da dispersão do povoamento e nível económico das comunidades judaicas depois da destruição do Templo e da revolta de Bar-Kochba.

O segundo estudo, da autoria de A. Kloner, trata dos vestígios arqueológicos das sinagogas israelitas, esboçando uma tipologia das mesmas. O autor começa por historiar as pesquisas anteriores a 1948, destacando as que foram efectuadas depois da I Guerra Mundial por alguns dos grandes nomes da primeira geração de arqueólogos israelitas. Refere seguidamente os restos de sinagogas do período do Segundo Templo, de que o traço mais antigo registado na Palestina consiste numa inscrição em língua grega, do século i, que alude não só à construção da sinagoga como igualmente refere as funções do edifício e de uma hospedaria anexa (p. 11). Quanto aos vestígios arqueológicos propriamente ditos, as ruínas de sinagogas escavadas em Gamla, Masada e *Herodium*, todas do século i, são as mais antigas conhecidas até ao momento. Kloner analisa em seguida as características fundamentais das sinagogas do grupo galileu, considerando que elas acusam a existência de uma tradição arquitectónica bem estabelecida, romano-síria, perfeitamente adaptada às condições locais e alterada por razões tão diversas como a implantação geográfica e o orçamento disponível (p. 13). O exemplo mais completo deste tipo de edifício é-nos oferecido pela sinagoga de Cafarnaum, cuja datação constitui motivo de acesa discussão depois das escavações de 1968-1972. Aliás, a cronologia das sinagogas do grupo galileu tem produzido algum desentendimento entre os investigadores, a maioria dos quais situa no século ii as primeiras construções, como as de Horvat Shema, Meron e Gush Halav, o que concorda com a situação política da Palestina romana por essa época (p. 13-14). Teremos oportunidade de tecer algumas considerações acerca deste tipo de edifício, directamente influenciado pela arquitectura romana, quando analisarmos os artigos que lhe foram especialmente consagrados. Outro grupo específico de sinagogas, de tipo basilical e com pavimentos de mosaico, encontra-se disperso pelo norte, vale do Jordão e zona litoral da Judeia. Os mosaicos constituem o essencial da decoração, em contraste com o grupo galileu, atingindo nalguns casos notável valia artística.

A cronologia destas sinagogas situa-as no período bizantino (p. 15-17). Na zona sul do Hebron encontram-se construções com características diferentes, nomeadamente a nível da planta, destacando-se pelo seu estado de conservação e qualidade arquitectónica as sinagogas de Susiya e Eshtemoa. Este tipo regional é atribuído aos séculos m e iv (p. 17-18). Kloner chama a atenção, avisadamente, para a impossibilidade de manter a cronologia baseada na tipologia utilizada até há poucos anos pois as escavações provaram que a pretendida sucessão tipo galileu-tipo intermédio-tipo basilical não corresponde à realidade (p. 18).

O capítulo dedicado às sinagogas do período do Segundo Templo agrupa quatro estudos (p. 19-41), o primeiro dos quais assinado por Y. Yadin descreve a sinagoga" de Masada, um pequeno edifício rectangular, com bancos à volta das paredes e duas filas de colunas, resultante das modificações efectuadas pelos Zelotes durante a sua permanência em Masada, entre 66 e 74, numa estrutura mais simples, que Yadin considera ter igualmente servido de sinagoga no período herodiano (p. 20-21). Esta opinião é retomada por G. Foerster no artigo consagrado às sinagogas de Masada e de *Herodium*, esta construída pelos Zelotes a partir do *triclinium* do palácio de Herodes, segundo o mesmo modelo (p. 24-26). A teoria de que a planta destas sinagogas deriva de salas com bancadas semelhantes às existentes nos templos de Dura Europos, datados da primeira metade do século i (p. 28-29), não nos parece aceitável. Com efeito, entre outras razões, a cronologia anterior e a planta idêntica da sinagoga de Gamla, estudada nos artigos seguintes, da autoria de S. Gutman e de Z. Ma'oz (p. 30-41), opõem-se à hipótese expressa por Foerster. Em Gamla, no Golan, foi escavada uma sinagoga construída entre 23 a.C. e 41 d.C. (p. 35), talvez mesmo um pouco antes se retivermos a datação proposta por Gutman (p. 34). As ruínas de Gamla são particularmente importantes por se tratar de um edifício construído propositadamente como sinagoga, destruído pelos romanos em 67, quando a cidade foi tomada aos revoltosos depois de um cerco movimentado descrito por Flávio Josefo, cerco que deixou numerosos testemunhos no local e que terminou com a destruição definitiva da cidade (p. 33-34). Quanto a nós, consideramos que o edifício foi construído na época de Herodes, no último quartel do século i a.C., pois as características arquitectónicas e decorativas correspondem perfeitamente ao que se conhece do período Herodiano, como aliás reconhece Ma'oz (p. 36-37). O autor não hesita em relacionar o monumento escavado em Gamla com modelos helenísticos. Pensamos, como ele, que nada deve à basílica romana e menos ainda aos templos de Dura, devendo o seu protótipo ser procurado entre os edifícios ocidentais destinados a reuniões cívicas. Foerster, no capítulo dedicado às sinagogas da Galileia, analisa o problema num artigo que resume a sua tese de doutoramento (p. 45-48), enquanto E. Netzer considera as sinagogas do grupo galileu uma adaptação da planta dos *triclinia* herodianos (p. 49-51). Julgamos não ser necessário recuar até aos edifícios helenísticos de Priene ou Heracleia para encontrar paralelos para a planta das sinagogas galileias, de qualquer forma muito mais perto da arquitectura dos *triclinia* do que da dos templos nabateus. Tendo em conta as características da

arquitectura palestiniana do período Herodiano, parece-nos muito provável que as referidas sinagogas tenham sido directamente inspiradas pelo modelo romano da *curia*, o que explicaria a ausencia de estruturas anteriores ao final do século i a.G. A análise de edifícios com as mesmas características básicas, construídos noutras regiões, poderá contribuir para esclarecer o problema. Não esqueçamos, por exemplo, que na Girenaica, província de numerosa população judaica, foram largamente utilizadas colunas de ângulo, geminadas, características das sinagogas de tipo galileu (S. STUCCI, *Architettura Cirenaica*, Roma, 1975, p. 216-217, 311-313).

Os artigos dedicados à importante sinagoga de Cafarnaum revelam que os problemas relacionados com a arqueologia das sinagogas são ainda muito numerosos (p. 52-62), aconselhando prudência na apreciação dos dados disponíveis. S. Loffreda propõe, a partir dos resultados de sondagens efectuadas na sinagoga de Cafarnaum, que a esta seja atribuída uma datação tardia, entre o final do século iv e o início do século v (p. 55). Esta opinião é vigorosamente contestada, julgamos que com razão, por Foerster (p. 57-59) e por M. Avi-Yonah (p. 60-62), autores que admitem a possibilidade de restauros tardios mas que levantam sérios problemas de ordem arquitectónica e histórica quanto à datação de Loffreda, e mesmo quanto à metodologia utilizada para estabelecer a referida datação (p. 59-61). Esta discussão, dentro da melhor tradição académica e que por isso gostaríamos de encontrar mais frequentemente, está por certo longe de terminar e a sua conclusão dependerá, em muito, de novas escavações, como a da sinagoga de Hammath-Tiberias, descrita por M. Dothan (p. 63-69). Hammath foi a sede do Patriarcado, que manteve boas relações com as autoridades romanas durante os séculos m e iv, até à sua extinção no tempo de Teodósio II. As ruínas aqui escavadas pertencem a uma sinagoga reconstruída várias vezes. Interessam-nos particularmente os edifícios IIA e IIB, datados respectivamente como pertencentes aos séculos iv e ui (p. 64-68). O mais recente dos dois possui excelentes mosaicos, um dos quais ostenta a mais antiga figura de Hélios encontrada nas sinagogas palestinianas (p. 66-67). Não menos interessante é a planta observada em Hammath. Quer a estrutura do século m, quer a do século iv, pertencem ao tipo que, em língua inglesa se designa por *broadhouse*, expressão que poderemos traduzir por casarão. Com efeito, trata-se de um tipo de sinagoga caracterizado pela existência de uma grande sala com pequenos anexos e dotada de um local específico para colocar o relicário com a *Torah*. A adopção deste tipo de sinagoga, em que a riqueza decorativa se concentrava no interior, poderá ter algo a ver, como acreditamos, com um ambiente pouco propício a uma arquitectura de exteriores ostensivos ou com uma atitude ditada por razões de ordem religiosa, reflectindo uma corrente específica. E. Meyers publica seguidamente um artigo sobre a sinagoga de Horvat Shema (p. 70-74), que o autor considera, quanto a nós erradamente, como uma adaptação do plano basilical ao tipo *broadhouse* (p. 74). Com efeito, quer a planta, quer a constituição do edifício (p. 72-73), construído no final do século ui e reconstruído descuidadamente após o terramoto de 306, permitem fazê-lo derivar directamente do modelo tradicional da basílica civil romana,

mesmo da basílica vitruviana, como a de Sábrata (L. CREMA, *VArchitettura romana*, «Enciclopedia Classica», XII, Roma, 1959, p. 580-583), se tivermos em conta o ponto fulcral onde terá sido construída uma edícula para a *Torha* posteriormente substituída por uma plataforma (*Berna*). Se for possível determinar a evolução deste tipo de sinagogas, cuja relação com as basílicas romanas é confirmada pelas ruínas da de Gush Halav, contemporânea da de Horvat Shema (p. 75-77), eremos que o problema da origem da basílica paleocristã terá que ser reconsiderado, tanto mais que a segunda fase da evolução parece estar representada, como julgamos, na sinagoga de Ma'oz Hayim, publicada por V. Tzaferis (p. 86-89), datada do século iv (p. 86). Este monumento é um dos estudados no capítulo reservado às sinagogas da área de Beth-Sheam (p. 82-97), que se distinguem pelos seus mosaicos e inscrições, como a de Beth-Sheam, publicado por D. Bahat (p. 82-85), e Rehob, publicada por F. Vitto (p. 90-94).

O capítulo seguinte, da autoria de Z. Ma'oz, retoma o estudo das sinagogas do Golan (p. 98-115), apoiado por uma desenvolvida análise da implantação judaica na zona (p. 98-101). O autor dedica especial atenção aos aspectos artísticos das diversas sinagogas da região, que atribui fundamentalmente aos séculos v e vi, chamando a atenção para as características orientalizantes patentes na decoração, a que poderemos juntar um certo arcaísmo, como no caso da sinagoga de En Neshut, que Ma'oz atribui ao século v (p. 107-109). Não devemos esquecer, todavia, que a cronologia das inscrições locais, defendida por D. Urman a propósito das epígrafes da aldeia de Dabbura (p. 156), permite recuar o período de florescimento das comunidades judaicas da região. As vicissitudes que caracterizam a história recente desta área e as condições em que se efectuaram os trabalhos arqueológicos não deixaram de influenciar negativamente o estado da questão, pelo que devemos aguardar por novos trabalhos envolvendo escavações sistemáticas.

As sinagogas da Judeia e do sul estão representadas por artigos sobre monumentos de En-Gedi, com importante espólio *in situ* (p. 116-119), Eshtemoa cuja escavação iniciada há precisamente cinquenta anos só em 1969 pode ser terminada (p. 120-122), Horvat Susiya, conservando belos pavimentos de mosaico com inscrições (p. 123-128), e Gaza, este uma grande estrutura basilical ricamente ornada com um mosaico ostentando excelentes emblemas com figuras de animais, mosaico datado de 509 e doado por dois mercadores de madeiras (p. 129-132). Os referidos artigos são da responsabilidade de D. Barag, Y. Porat, E. Netzer, Z. Ervin, S. Gutman e A. Ovadiah. Em Horvat Susiya, o nartex da sinagoga, construída no final do século iv, evoca vagamente o peristilo do palácio de Diocleciano, em Split. Também aqui este elemento arquitectónico, tão importante nas basílicas cristãs primitivas, parece derivar de um modelo romano anterior. Uma das inscrições hebraicas no pavimento de mosaico é extremamente interessante não só por acumular adjectivos honoríficos, como é próprio das inscrições tardias do mundo romano, mas também por estar inserta numa *tabula ansata* e por conter uma grafia da palavra mosaico reflectindo a pronúncia local, nitidamente influenciada pelo termo grego equivalente (p. 127-128).

Inscriptions and Small Finds é o título de um capítulo cheio de interesse, no qual destacamos o artigo de J. Naveh sobre as inscrições das sinagogas (p. 133-139), com uma apreciação estatística extremamente significativa sob o ponto de vista cultural, das línguas utilizadas: aramaico, hebraico e grego (p. 183-134). L. Levine ocupa-se do estudo da grande inscrição de En Gedi (p. 140-145) e J. Susmann trata da inscrição de Rehod, a mais extensa de todas as encontradas até agora e que contém relevantes informações de natureza histórica e geográfica a partir de restrições rituais agrícolas talmúdicas (p. 146-151).

G. Foerster assina o primeiro artigo do capítulo final, consagrado as sinagogas da *Diaspora* (p. 164-190), descrevendo algumas das 140 sinagogas conhecidas fora da Palestina, as quais reflectem, naturalmente, a influencia da arquitectura local (p. 170-171). L. Levine descreve a sinagoga de Dura Europus (p. 172-177), fundamental para a compreensão da arquitectura e da arte religiosa judaica. Com efeito, trata-se de um edifício destruído em 256, cuja segunda e derradeira fase remonta ao ano 245. Levine situa esta sinagoga entre as de tipo *broadhouse* (p. 173). Sem discordarmos desta opinião, tanto mais justificada quanto é certo que a sinagoga de Dura resultou da adaptação de uma residência, o certo é que na sua fase final a existência de um pátio porticado e de uma sala com um nicho para a *Torah*, constituindo um conjunto axializado (p. 173), preludia a planta das mais antigas basílicas cristãs. Quanto à decoração, se a compararmos com a da igreja-casa de Dura (Gough, p. 58-59), facilmente compreenderemos por que razão um notável especialista, Kraeling, pode escrever: *Here we see in a new light the common front wick Christianity and Judaism held against paganism, and the relationship between Jewish and Christian art* (C. KRAELING, *The excavation at Dura Europos*, VIII, New Haven, 1956, p. 402). O estudo da sinagoga de Sardis, da autoria de A. Saeger (p. 178-184), não poderia estabelecer maior contraste com o que observamos em Dura. Com efeito, nesta importante cidade da Asia Menor, uma basílica civil, pertencente a um grande complexo integrando um ginásio e umas termas (p. 179), terá sido transformada em sinagoga, segundo Saeger ainda antes da segunda metade do século iv. O edifício, extensamente restaurado pelos arqueólogos norte-americanos, como aliás, todo o conjunto monumental em que se integra, representa, assim, um dos poucos testemunhos da transformação de uma basílica civil, aliás de grandes dimensões, em edifício religioso. Esta transformação, como outra idêntica verificada no século v em Leptis Magna (Gough, p. 121), não deixa de suscitar um problema histórico da maior acuidade quanto ao verdadeiro estatuto das comunidades judaicas no período tardo-romano e bizantino. A definição da data em que se concretizou a adaptação seria extremamente interessante atendendo a que, no Oriente, as basílicas cristãs não parecem anteriores a 325 (W. SAS-ZALOZIECKY, *Arte paleocristã*, Lisboa, 1970, p. 30). Por outro lado, Saeger considera que o complexo monumental foi construído pouco depois do grande terramoto de 17 (p. 179), quando na realidade o ginásio não é anterior ao início do século m, período que corresponde a uma política de aberta benevolência dos Severos para com a religião hebraica, o que nos leva

a perguntar se, na verdade, não datará desta época a sinagoga de Sardis, que assim poderá ter sido construída propositadamente. O último artigo da obra, intitulado *The Mosaics of Mopsuestia-Church or Synagogue?* e assinado por M. Avi-Yonah (p. 186-190), permite abordar novamente o problema das relações entre a arte judaica e a arte cristã, neste caso no século v, tão claras aqui como em Dura dois séculos antes, a ponto de se tornar difícil a classificação religiosa do edifício (p. 189).

Ancient Synagogues Revealed constitui uma obra rica de informações, de leitura nem sempre fácil, devido à especificidade do tema e a uma ou outra contradição ou divergência — como no caso da datação das sinagogas do Golan e das inscrições da mesma região (p. 114-115, 156) — aliás perfeitamente aceitável considerando as características e finalidades da publicação, merecedora da atenção de todos os que se interessam pelos problemas da arquitectura e da sociedade no mundo romano e bizantino. Um fragmento de placa moldurada, em mármore, de *Tiberias*, publicado por M. Ben-Dov (p. 157), aliando uma *hedera* à saudação judaica *shalom*, tão repetida nas sinagogas, representa da melhor forma as relações, nem sempre fáceis e pacíficas, entre as tradições clássicas e os valores judaicos. Estas relações, que tanto contribuíram para o advento da nossa própria cultura, e com que constantemente deparamos ao longo de toda a obra, não fazem menos parte da história do mundo romano do que outras mais largamente estudadas. O volume que aqui apreciamos prova-o amplamente.

VASCO GIL MANTAS

TERESA SOEIRO, *Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, in «Penafiel. Boletim Municipal de Cultura», 3.^a série, 1, 1984.

A obra da Dr.^a Teresa Soeiro, que ocupa integralmente as 323 páginas deste Boletim Municipal, constitui um trabalho significativo de recolha e localização de estações romanas e romanizadas desta área.

O inventário regista castros e outros povoados, necrópoles, inscrições, balneários, pontes e vias. As referências a cada estação são sucintas, embora completas; uma ou outra é estudada com mais demora como, por exemplo, o balneário de São Vicente do Pinheiro. De salientar a descrição muito pormenorizada e exaustiva dos materiais, acompanhados na sua quase totalidade pelos respectivos desenhos, o que representa um grande esforço; a classificação das peças revela grande segurança.

A autora dividiu o trabalho em três partes principais: na primeira faz uma caracterização geográfica e geológica e indica também a integração administrativa (freguesias e concelhos) da área abrangida pelo estudo; a segunda parte é dedicada ao registo das estações arqueológicas; por fim, apresenta um estudo pormenorizado de Monte Mózinho.